

DOMINAÇÃO CAPITALISTA DO CONHECIMENTO: fetichismo da produção material e produção intelectual

*Andréa KOCHHANN
Natalia Ribeiro TEIXEIRA
Douglas Correia dos SANTOS*

GT1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo: Este trabalho faz parte de uma pesquisa de pós-graduação, tendo como base de análise a teoria marxista e marxiana. Sendo o objeto deste estudo a dominação capitalista do conhecimento. Tais estudos são discussões do GEFOP - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. Para compreender o tema, é preciso refletir sobre o animal social. As formas de organização social inferem diretamente na construção do sujeito, ou seja, os aspectos políticos, econômicos e ideológicos de determinada sociedade influenciam na constituição da consciência do animal social. Logo, a posição social e as variantes da organização social é a realidade inerente ao estado de assimilação e adaptação dos sujeitos no meio social. Assim, o trabalho representa à essência da existência da organização social. Esta apropriação da força de trabalho representa o domínio sobre o animal social. Pois detém a atividade econômica que é à base da estrutura política e ideológica da organização social. O modo de produção capitalista concerne aos indivíduos liberdade, que é concedida pela venda do seu trabalho, cujo Marx (2005) denomina valor de uso e valor de troca. Mas o que se percebe, é que a liberdade é uma falsa consciência. O homem se torna escravo na relação com o objeto, nesse caso, o capital que é idealizado pela produção da mercadoria. Porém, em determinado envolvimento com a mercadoria, o sujeito transforma-se em mercadoria. Eis um discurso inter e transdisciplinar que deve ser trabalhado em cursos de formação de professores.

Palavras-chave: Produção intelectual. Produção material. Dominação capitalista. Conhecimento.

Introdução

O objeto deste estudo é a dominação capitalista do conhecimento. Para compreender, é preciso refletir sobre o animal social. As formas de organização social que interfere diretamente na construção do sujeito, ou seja, os aspectos políticos, econômicos e ideológicos de determinada sociedade influenciam na constituição da consciência do animal social.

A equilíbrio tanto social, quanto das estruturas psicológicas, determina a ontologia do ser social. O ser social adapta-se ao meio para garantir a sobrevivência, esses aspectos

parte da fisiologia do ser. Logo, a posição social, as variantes da organização social é a realidade inerente ao estado de assimilação e adaptação dos sujeitos no meio social.

A relação do sujeito com o mundo externo, auto-organiza sua consciência. Ao observar a colocação de Marx acerca do “capitalismo”, o detém é uma reprodução ideológica da produção material assimilada e incorporada nas atribuições da classe dominante. O regime social é parte integrante do ser social. Desta forma, o ser adapta-se ao modo de produção, que nada mais é, de como se organiza a produção material e intelectual da sociedade. Este trabalho é um ensaio das primeiras indagações feitas sobre este objeto. Assim as perguntas que norteiam este trabalho são: qual a funcionalidade do conhecimento na sociedade capitalista? Como as instituições sociais contribuem para dominação capitalista do conhecimento na consciência dos indivíduos?

Metodologia

Essa discussão faz parte do GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade e teve como escopo teórico a monografia apresentada como trabalho final de curso, pautado em uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico.

Discussão teórica

As relações que são construídas na ontologia do ser social apresentam-se as formas do conhecimento humano (sejam eles gnosiológicos ou epistemológicos), correlacionam entre as formas e o meio da constituição da formação do ser. Assim, o “ethos” social é alude do modo de produção, que atribuem a totalidade das relações sociais. Devido a inteligência do sujeito adapta-se ao meio, consequentemente abstraem todos os valores das estruturas sociais. Isto ocorre ao longo da vida, que são inteorizados as estruturas políticas, econômicas pela ideologia da produção. Nessa relação de sujeito-mundo, de forma alguma ele é passivo, pois na estrutura cognitiva apresenta a capacidade de estabelecer equilíbrio com o meio social, seja para garantir sobrevivência ou transformá-lo. Desta forma, segundo Adorno (1995, p. 186):

Na doutrina do sujeito transcendental, expressa-se fielmente a primazia das relações abstratamente racionais, desligadas dos indivíduos particulares e seus laços concretos, relações que têm seu modelo de troca. Se a estrutura dominante da sociedade reside na forma de troca, então a racionalidade desta constitui os homens; o que estes são para si mesmos, o que pretendem ser é

secundário. Eles são deformados de antemão por aqueles mecanismos que é transfigurado filosoficamente em transcendental.

A capacidade de adaptação do sujeito é relacionada tanto no estado-social quanto ao estado-psicológico. É preciso ter em mente que os homens assimilam e adaptam ao meio, ou seja, ao modo de produção social. Assim, todas as personificações do regime social, são assimiladas pelo sujeito, sendo educado de acordo com as determinações sociais. E isso de certa forma concede aos indivíduos ideologicamente uma falsa consciência na atividade de produção. O desenvolvimento do homem é uma adaptação às estruturas sociais, salienta-se a estrutura ideológica. Cujas, as estruturas ideológicas representam as formas de dominação para a vida em sociedade. É um ciclo da vida humana de determina sociedade. Isto é variante de uma organização social para organização social.

Para Meszáros (2008) na contradição das prerrogativas, a educação deveria ser fluxo da vida e descoberta, não instrumento de dominação. Sua organização no capitalismo contemporâneo é fundamental aos aparatos industriais, que além do trabalho objetivo, exige-se também um trabalho subjetivo. O trabalho representa à essência da existência da organização social. Por isso, o capitalismo se consolida na exploração da força do trabalho. Esta apropriação da força de trabalho representa o domínio sobre o animal social. Pois detém a atividade econômica que é à base da estrutura política e ideológica da organização social.

Deste modo, o conhecimento, constitui-se base da relação do sujeito com o mundo. Isso infere ação ao meio. Essas ações possibilitam as atividades que os homens desenvolvem para sobrevivência, isto é, o trabalho. Nestas circunstâncias não difere o trabalho na produção material com a produção intelectual. Logo, essas ações são concernentes ao estado de adaptação e as instâncias do processo de adaptação. Isto depende da idade que se encontra o indivíduo na organização social. Pois na existência dos indivíduos, eles desenvolvem-se e adquirem para si as ideologias que são assimiladas no desenvolvimento da organização social.

A complexidade do desenvolvimento é representada, nas formas que os indivíduos desencadeiam ações na relação com o meio. É uma relação tanto intrínseca quanto extrínseca, isto é, recíproca. É necessário desarticular o concreto/abstrato da relação no modo de produção. Pois a ideologia diz respeito à forma de organização política que os indivíduos se relacionam com o sistema de produção. Portanto, é cabível que o sistema educativo, seja moldado por organizações ideológicas e políticas. Assim, na análise histórica, do apogeu da Grécia antiga, cada sociedade desenvolvia sua particularidade, mediante a ideologia da

organização social. No modo de produção, as funções se diferem, mas todos os indivíduos são educados dentro da organização política, econômica e ideológica da ordem social.

Desta forma, segundo Marx (2005, p. 26) “quanto mais se recua na história, mais dependente aparece o indivíduo”. Assim, o que permeia nas estruturas sociais no capitalismo é a individualização, a independência de vender a força de trabalho. No modo de produção capitalista concerne aos indivíduos liberdade, que é concedida pela venda do seu trabalho, cujo Marx (2005) denomina valor de uso e valor de troca. Mas o que se percebe, que a liberdade é uma falsa consciência. O homem torna escravo na relação com o objeto, nesse caso, o capital que é idealizado pela produção da mercadoria. Porém, em determinado envolvimento com a mercadoria, o sujeito transforma-se em mercadoria.

Já não é algo da natureza do homem, mas da ordem social estabelecida. Segundo Rousseau (2004) o homem nasce livre, a liberdade é constrangida pela ordem social, que se torna um direito sagrado. Mesmo ao chegar ao estado de razão, o homem tem na consciência toda idealização de determinada ordem social. Assim, segundo Rousseau (2004, p. 26) “a força é um poder físico”, mas também, é ideológico. Os homens são sujeitados a determinados princípios morais, leis, valores, entre outros fatores. No qual, segundo Rousseau (2004, p. 31)

Cada indivíduo pode, como homem, ter vontade particular contrária ou dessemelhante a vontade geral que tem como cidadão. Seu interesse particular pode lhe falar de modo diferente que o interesse comum; sua existência absoluta e naturalmente independente pode fazê-lo considerar o que deve a causa comum uma contribuição gratuita.

Os homens são súditos na organização social. É o conhecimento adquirido na sua existência, que possibilita adaptar-se ao meio social. Isso acontece desde o papel natural da família. Rousseau (2004, p. 24) diz que, quando “os filhos isentos da obediência que devem ao pai, o pai, isento dos cuidados que deve aos filhos, voltam a ser igualmente independente.” Isto propriamente, é o processo de adaptação do sujeito ao meio, isto é feito progressivamente, os homens torna-se independente da família. Porém, todo o conhecimento necessário para sobrevivência lhe é passado.

O conhecimento é algo comum a todo ser, na sua ontologia. A produção material e produção intelectual parte do desenvolvimento da organização social. O homem e sociedade são um só. Toda nomenclatura social é criada pelos homens em busca de um bem comum, dos

interesses comum. Mas na organização social capitalista, o homem tem a pior da dominação. Não é a dominação de homem para homem, em que um ganha o direito de escravizar o outro. A dominação que acontece é da consciência por meio do fetichismo da mercadoria. O homem é escravo de si e para si. Ele produz a mercadoria, mas é escravo da própria criação.

Logo, o capital, representa na consciência dos indivíduos poder de dominar. Porém, segundo Rousseau (2004, p. 13) “quem se julga senhor dos outros não deixa de ser escravo quantos eles”. Essa relação é deformada, aquilo que é abstrato, na relação do trabalho dos indivíduos, causa consciência de alguns direitos no sistema jurídico, no entanto, essa concepção de direito, são entrelinhas permitidas pelo sistema que gera a deturpação da consciência nos direitos e deveres sobre *ethos* social.

Neste sentido, o capital, no seu domínio, a estrutura das mais antigas das sociedades é desestruturada. Conforme Marx (2011) o capital, dilacerou o que se tinha de valores pela sagrada família, que transforma os valores e interesses de convivência particular e pública. Essas mudanças ocorridas, no processo histórico, mostra a constituição das classes sociais. E a forma de dominação do sistema capitalista, que estrutura-se e adaptam-se as circunstâncias que transforma os valores de uma sociedade, isto é, a sua capacidade de mutação.

O capitalismo é vírus mortal que se instalou em todo globo terrestre, que subjuga os homens as suas personificações. As mudanças formais e substantivas do estado natural para o estado civil, conforme Rousseau (2004, p. 37), que “a passagem do estado de natureza ao estado civil produz no homem uma mudança significativa, substituindo, em sua conduta, o instinto pela justiça e dando as suas ações a moralidade que antes lhes faltava”.

A mudança no estado natural para o estado civil, por consequência, coloca todo constrangimento do conhecimento da vida em sociedade. As relações ideológicas são constrangedoras, mais que qualquer outra estrutura. Pois por meio desta, os homens são dominados, e obrigados alienar-se por convicção ou por meio de sobrevivência. Desde que, a burguesia apropriou-se da produção material, também se apropriou da produção intelectual, isto significa, o domínio sobre as estruturas sociais. Marx e Engels (2007, p. 47) dizem que:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. [...] As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal (ideológica) das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a

classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época.

Não há como descartar a legitimação dos conceitos que se origina na produção material e na inferência da produção intelectual. Sendo os ideais dominantes pertencentes a classe que domina os instrumentos de produção, nos quais se postulam, a dominação da consciência, é um estado de sujeição dos dominados, para garantir meios de subsistência. Enfim, nessas relações de classes, a classe que domina privilegia-se do conhecimento. O conhecimento é uma forma de se integrar e reintegrar ideologias aceitáveis em determinado tempo na produção (que condiciona uma suposta superioridade pelo acúmulo de riqueza, em que os dominados se veem por convicção a vender a força de trabalho).

Para confirmar a ideia de dominação capitalista, em que “a inteligência é adaptação” como diz Piaget, Stalin (1978, p. 36) diz que “para viver, é preciso dispor de alimentos, vestuário, calçado, uma habitação, combustível, etc.; para ter estes bens materiais, é preciso produzi-los”. Assim quem dispõe dos instrumentos de produção domina as forças materiais da sociedade, e conseqüentemente, a força espiritual, ou seja, a consciência dos que por conveniências se subjugam às prerrogativas do capital.

Para que haja efetivação da produção, precisa-se da distribuição da mercadoria, Marx (2005, p. 35) diz que “a distribuição aparece naturalmente como uma lei social, que condiciona sua posição no interior da produção ao quadro da qual ele produz e que precede a produção”. Assim a distribuição é relativa às necessidades da sociedade, a distribuição, também, diz respeito, às ideologias proclamadas no meio social. Segundo Marx (2005, p. 35) os indivíduos “ao nascer é constrangido ao trabalho assalariado pela distribuição social”. Nesta perspectiva, a distribuição não é um fator isolado, no capital. Marx (2005, p. 35) ainda diz que “um indivíduo que participe da produção por meio do trabalho assalariado, participa na repartição dos produtos, resultado da produção, na forma de salário”.

Quando se fala da distribuição, é necessário levar em considerações a época histórica, o regime social vigente, a distribuição dos instrumentos de produção e a distribuição da força de trabalho na produção. Os aparatos da produção concernem uma ampla visão das atividades

de trabalho realizadas. Logo, as particularidades da produção, são responsáveis na transição de um regime para outro, pois muda a forma de distribuição das forças produtivas.

Conforme Marx (2005, p. 36) “antes de ser distribuição de produtos, ela é: primeiro, distribuição dos instrumentos de produção, e, segundo, distribuição dos membros da sociedade pelos diferentes tipos de produção”. Desta forma, o que se determina em cada época, é o tipo de vida e de pensamento. Essa variável é significativa no desenvolvimento do indivíduo na sociedade. É a partir deste princípio que desenvolve a inteligência, a capacidade de adaptação. E são essas ações de ideias de bens materiais, concernente ao conjunto da ordem (pré) estabelecida caracterizam as relações dos homens na produção.

Contudo, o conhecimento caracteriza-se nas relações no modo de produção, que conforme Stalin (1978 p.37) são:

As forças produtivas não são senão um aspecto da produção, um aspecto do modo de produção, aquele que exprime comportamento dos homens em relação aos objetos e as forças da natureza de que eles servem para produzirem os bens materiais.

Deste modo, os vínculos da produção com o homem, são inexoráveis. É algo que esta ligada a atividade comum dos homens. Pois segundo Marx (2004 p. 64) “o trabalho é uma condição natural eterna da existência humana”. A forma como ocorre o processo de produção material, também determina a ideologia a ser produzida pela mercadoria. São fatores que interpõem na organização social, que determinará o comportamento dos homens, na relação com os bens materiais.

A força produtiva só torna-se capital, na medida em que, o homem vende sua força de trabalho. É uma relação do dono dos instrumentos de produção, com o que busca subsistir na organização social. O capitalismo reestruturou toda relação de classe. E isto substancialmente infere na educação de um povo, de determinada sociedade, e idealiza no modo de produção da época que representam todos os ideais da classe que representa a força material nas consciências dos sujeitos.

Logo, nessa relação de classe no capitalismo, a burguesia segundo Marx (2011, p. 46) “implantou-se a concorrência, com uma constituição política e social apropriada, como domínio econômico e político.” Desta forma, vislumbra-se na produção, em determinado Estado, com o regime capitalista, é o domínio da elite, que nos dias atuais, tais aspectos fazem parte da realidade da organização social no capitalismo hegemônico. Todavia, a concorrência,

está baseada na produção social. Marx (2011, p. 55) diz que “o trabalho assalariado baseia-se exclusivamente na concorrência dos operários entre si”.

Antes do capitalismo, o que se visualiza são as classes na organização social para garantir os meios de subsistência. O que ocorre desde a constituição da propriedade privada, o excedente da produção estava comprometida, pois os donos da propriedade, sempre garantia esse excedente da produção, o lucro. No capitalismo, segundo Marx (2011) apenas modificou a forma de exploração. Assim Marx (2011, p. 40, 41) diz que: “A história da sociedade até hoje é a história de lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício ou plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra opressores e oprimidos”. Ambos sempre estiveram lado a lado, porém em circunstâncias antagônicas.

Deste modo, na produção intelectual da sociedade, se encontra os aspectos sociais, que atendem determinada classe e ideologia. A produção intelectual da classe dominante se difere da classe dominada, por causa da sua posição que a favorece na organização social. Assim, Anderson (1980, p. 51) diz que: “Os processos históricos fundamentais, a estrutura e a evolução de sociedades inteiras, são a resultante involuntárias de uma dualidade ou pluralidade de forças voluntárias de classe chocando-se entre si”. Isto é, os conflitos de diferentes classes constituídas na história, são hierarquias entre os indivíduos no modo de produção. O desenvolvimento da economia entrelaça no processo histórico o trabalho e a educação, que traz consigo o antagonismo entre os indivíduos da produção. Sendo o conhecimento especializado necessário para a evolução da força produtiva e para a concorrência, não só da produção; mas entre os indivíduos que vendem sua força de trabalho.

A expressão de Stavenhagen (1980, p. 288) ao citar o discurso de Lenin diz que: “As classes são grupos de homens, dos quais uns podem apropriar-se do trabalho de outros por ocupar posições diferentes num regime determinado de economia social”. Desde que constituiu a propriedade privada, gerou e gera desigualdades entre os homens na produção material. Sejam elas nas leis dos homens, natureza ou nas leis de Deus, constitui tais desigualdades. Assim, observa-se que não há uma igualdade entre os homens, em nenhuma situação, mesmo num contrato social entre os homens. Rousseau (2004, p. 41) diz que:

Uma observação que deve servir de base a todo sistema social: é que, ao contrário de destruir a igualdade natural, o pacto fundamental substitui por uma igualdade moral e legítima o que a natureza pode ter criado de desigualdades física entre os homens, podendo ser desiguais em força ou em gênio, eles se tornam iguais em convenção e direitos.

Porém, na nota de rodapé Rousseau (2004, p. 41) diz que “[...] donde se segue que o estado social só é vantajoso aos homens à medida que todos tenham alguma coisa e ninguém possua em excesso.”. Para garantir a igualdade, nenhum homem deveria possuir mais do que para a subsistência; mas o que presenciamos no estado social é uma luta individual entre classes. A maior parte da população mundial da classe trabalhadora, os interesses são na maioria particulares, em que a concorrência faz parte da sua alma.

Como afirma Marx (2004, p.15), na medida em que, “desenvolveram-se as forças produtivas sociais de trabalho e, graças ao trabalho em grande escala, chega-se à aplicação da ciência e da maquinaria à produção imediata”. Logo, a aplicação da ciência é um conhecimento especializado, de forma que determina o funcionamento de determinada maquinaria. Ambos são imbricados, porém, há como educar no trabalho; mas na sociedade industrial dos dias atuais, busca-se educar para o trabalho, é a garantia da inovação e de novas ideias na produção. Sabe-se que, a inovação tecnológica é a garantia da concorrência. São leis do mercado, que se divergem das leis sociais. Assim, o conhecimento é revolução, tanto na produção, quanto das leis sociais. No entanto, o conhecimento na sociedade capitalista delineia as condições de dominação, por estar imbricada, na conjuntura e na estrutura da organização social.

Considerações finais

A princípio, os avanços educacionais na sociedade capitalista, simboliza o progresso da maquinaria industrial. A produção intelectual impulsionou o desenvolvimento da indústria, assim, a classe dominante, modificou a forma de posicionar-se perante a classe trabalhadora. Pois, segundo Marx (2011, p. 54) “para que uma classe possa ser oprimida, é preciso que lhe sejam asseguradas condições nas quais possa ao menos da continuidade à sua existência servir”. Deste modo, a evolução dos modos de produção, primeiramente, consolida-se na produção intelectual. Os mecanismos (re) evolução aparecem na consciência de todo indivíduo. Mesmo que, as contradições dessa consciência, seja uma falsa consciência constituída de elementos reais do escopo social.

É preciso compreender que o ser social, a cada instante, sofre a influência objetiva e subjetiva do sistema econômico. E são as circunstâncias, as formas do ciclo econômico que formula a consciência do ser social, ou seja, a funcionalidade da ideologia da produção

material e intelectual. A funcionalidade do conhecimento é o processo instantâneo, da materialidade da ideologia dominante/dominada. A doutrinação dos indivíduos, predominantemente, nas instituições sociais, são condições possibilitadas objetivamente para a dominação. Pois, com os instrumentos de produção material condicionado às contingências da produção do conhecimento (epistemológico), os interesses de classes chocam-se nos antagonismos propiciados por meio das contradições do sistema capitalista.

Referências

- ADORNO, T.W. Sobre sujeito e objeto. In: **Palavras e sinais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelho ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, s/d
- ANDERSON, Perry. **Arguments within English marxism**. Londres, NLB/Verso, 1980.
- MARX, Karl. **O capital VI**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. **Para a crítica da economia política: O capital**. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.
- RIDENTI, Marcelo. **Classes sociais e representações**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2004.
- STALIN, Joseph. **Materialismo dialético e materialismo histórico**. 5. ed. São Paulo: Global Editora, 1978.
- STAVENHAGEN, Rodolfo. Classes sociais e estratificação social. In: MARTINS, José de Souza & FORACCHI, Marialice (org). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1980, p. 281-296.